



Discurso de Abertura

Constitui para a Ordem dos Engenheiros de Angola, uma honra albergar o IV^o Congresso de Segurança, Saúde Ocupacional e Ambiente da CPLP.

Ao assumirmos o compromisso da realização deste evento, depois do sucesso da sua realização, o ano passado, na cidade da Praia, fizemo-lo porque queremos consolidar a nossa participação nesta família que luta por juntar os engenheiros de uma comunidade, enriquecida pela presença de várias culturas e várias línguas, mas que se entendem e se comunicam numa língua comum a todos, a língua portuguesa.

Fizemo-lo também lugar porque percebemos a engenharia, como uma profissão cujas acções têm consequências directas na saúde e na segurança das pessoas. Por esta razão um engenheiro que se preze, não pode tolerar os efeitos negativos para a humanidade que, eventualmente possam vir a ser causados pela tecnologia, porque o engenheiro deve ser acima de tudo uma pessoa com cultura e humanismo.

Este Congresso tem a particularidade de ter lugar num momento em que uma boa parte dos países vivem um período de relativa estagnação económica, com as maiores economias do mundo a registarem um certo abrandamento, provavelmente devido aos efeitos negativos na indústria e comércio global, como resultado da política comercial dos Estados Unidos em relação aos seus principais parceiros, com realce para a China.

O anúncio pelo presidente norte-americano de uma tarifa adicional de 10% sobre bens provenientes da China a partir de 1 de Setembro e a resposta do Governo Chinês ordenado a suspensão da compra de bens agrícolas Norte-Americanos, por parte de empresas públicas, aliada a imposição de tarifas entre 5% e 10 % sobre bens oriundos dos Estados Unidos, tem gerado um ambiente de incertezas quanto ao comportamento da economia global.

Sabemos todos que a estagnação económica não gera empregos e como se isso não bastasse constatamos que pessoas habilitadas e formadas, também estão a perder os seus postos de trabalho.

Por outro lado, constata-se que o “fosso” entre as necessidades de emprego e a oferta disponível é cada vez maior sob o ponto de vista tecnológico e de conhecimento. Ou seja, à medida que a produção se torna mais mecanizada, mais exigente tecnologicamente, mais dependente das tecnologias da informação, as competências exigidas são maiores e baixa significativamente a procura de mão de obra, incrementando o desemprego, colocando um enorme desafio aos governos:

“O de encontrar soluções de desenvolvimento económico que, ao mesmo tempo salvaguarde empregos para os seus cidadãos”.

A nossa esperança enquanto profissionais de engenharia está ancorada na certeza de que alguns Governos começam a dar mais atenção ao investimento intangível, ou seja, ao investimento em pessoas.

Investir em capital humano pode significar valorizar o principal activo de muitas empresas e serviços. Investir nas qualificações e aptidões das pessoas traz aos serviços mais efectividade, aumentos de produtividade ou mesmo a introdução de inovações e melhorias nos processos produtivos de uma empresa.

É uma verdade inquestionável que muitos dos empregos que existem hoje, podem não existir amanhã. Muitas pessoas ainda não têm as competências necessárias para os empregos do futuro.

Investigadores da Universidade de Oxford em estudos realizados a 24 grandes cidades, chegaram a conclusão que entre 33% a 44% das pessoas, trabalham em empregos considerados de alto risco, isto é, empregos que deixarão de existir. Isto significa que milhões de pessoas precisarão de ajuda na transição para novos empregos e cargos nos próximos anos.

A estes aspectos que acabei de referir , juntam –se as propostas e declarações em grandes conferências sobre a protecção ambiental, como as de Estocolmo em 1972, Rio de Janeiro em 1992 e a de Joanesburgo em 2002 , tendo sido consagrado no Rio de Janeiro o conceito de desenvolvimento sustentável, conciliando o desenvolvimento económico , com o respeito por uma adequada conservação do meio ambiente, trazendo ao de cima a urgência de acções para erradicar a desigualdade extrema, a pobreza, a ignorância, a fome e a exclusão da grande maioria da população mundial.

Tudo isto leva-nos a trazer para o centro das discussões a importância do ser humano para as empresas. Empresas cuja sobrevivência acaba tendo uma ligação estratégica com a melhoria contínua das condições de trabalho, com realce para a segurança, a saúde e o ambiente.

São estas as abordagens que trazemos para este nosso IVº Congresso da CPLP, e que esperamos possam vir a atender, as expectativas da nossa sociedade em relação às contribuições vindas dos profissionais de engenharia.

Augusto Paulino Neto
Bastónario